



LENDO UNIDADES ESTRATIGRÁFICAS: UM ESTUDO DE CASO DO SÍTIO RS-LS-11 EM BARRA FALSA, RIO GRANDE

Richard Tomazi Franchini¹

RESUMO

As pesquisas do PRONAPA no Brasil trouxeram muitas contribuições para o início da pesquisa brasileira bem como métodos que visavam os mais significativos resultados. Infelizmente algumas escavações em níveis artificiais conduzidas não receberam continuações com pesquisas, fazendo com que os materiais provenientes das escavações estejam guardados nos acervos durante anos. É o caso do sítio RS-LS-11, que tem o seu material armazenado no LEPAN/Reserva Técnica. Com isto, este trabalho é movido pela proposta de construir uma aproximação do que seriam os níveis naturais a partir da documentação de níveis artificiais. O estudo será pautado nos registros de escavação do cerrito RS-LS-11, produzidos pelo então professor da Universidade Federal do Rio Grande, José C. V. Ruivo. A escavação foi realizada em 1984 e foi dada por níveis artificiais. Para os propósitos deste artigo, serão utilizadas as fichas dos diários de campo e do material coletado para aplicar uma metodologia que possa destacar, portanto, as unidades estratigráficas do sítio.

Palavras-chave: Estratigrafia, Cerrito, Níveis Artificiais.

1. INTRODUÇÃO

O Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA) pode ser caracterizado como sendo um agente central no desenvolvimento da Arqueologia no Brasil (MARANCA, 2007). Já havia uma carência das partes técnicas no país, como documentação, classificação e métodos de escavação. No entanto, os trabalhos incipientes aqui realizados tinha uma maior preocupação em gerar artefatos do que de fato desenvolver uma pesquisa das regiões estudadas (BROCHADO, 1968). Isso fez com que as escavações não fossem norteadas por uma hipótese ou problema a ser respondido (BARRETO, 2000). Ou seja, o PRONAPA tratava-se de um programa cunhado com o interesse maior de produzir material

¹ Bacharel em Arqueologia pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG/RS. E-mail: richardfranchini@hotmail.com.

arqueológico – com um raso conhecimento deste – de forma rápida e eficaz. Nas escavações arqueológicas feitas em campo, isso era refletido em níveis arbitrários.

Níveis artificiais ou arbitrários consistem em níveis pré-estabelecidos num momento anterior à escavação. Tal abordagem pode ser bastante útil em situações em que os estratos não estejam visíveis ou distinguíveis ao olhar. Além disso, como o PRONAPA tinha como objetivo uma extensão territorial muito grande, os níveis artificiais forneciam maior praticidade em campo. No entanto, caso existam unidades estratigráficas presentes, os níveis arbitrários podem associar deposições de momentos ou contextos diferentes a uma mesma “camada”. Tudo irá depender de como os (as) arqueólogos (as) responsáveis conduzem a escavação e a pesquisa concomitante. Infelizmente, há ocorrências de escavações que não são seguidas pela pesquisa complementar, deixando apenas os dados arquivados em laboratórios de universidades.

É o caso do sítio RS-LS-11, que fora exposto na década de 1980 por níveis artificiais e os arqueólogos não deram continuidade a pesquisa. Assim fazendo com que os materiais arqueológicos extraídos do sítio permanecessem armazenados por mais de 30 anos. Excetuando um estudo de análise de otólitos (CHIM, 2016), não houve outros trabalhos que abordassem esses materiais e o seu potencial informativo.

Então, tendo o material restante da escavação do sítio RS-LS-11 como alvo de estudo, esta pesquisa busca responder se é possível extrair maiores informações de uma escavação em níveis artificial ao se tentar construir as camadas naturais tendo como base os materiais arqueológicos e relatos de fichas de campo. É possível utilizar os remanescentes de uma escavação em níveis artificial para compor uma ordem de deposição das camadas naturais?

Localizado na propriedade de Ariano Souza, no distrito de Barra Falsa, município de Rio Grande/RS, o sítio foi escavado pelo arqueólogo e docente da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), José C V Ruivo, em um trabalho de campo iniciado em 1984.

O motivo do sítio ter sido o alvo do estudo é ter sido exposto por níveis artificiais e tanto sua documentação quanto seu material estão presentes no acervo da Reserva Técnica – LEPAN (Laboratório de Ensino e Pesquisa em Arqueologia e Antropologia), no prédio de Instituto de Ciências Humanas e da Informação, da mesma universidade. A técnica de análise presente neste estudo consiste em tabelar os materiais provenientes de cada nível artificial e, com o apoio das fichas de campo, avaliar a possibilidade de distinção de unidades estratigráficas deposicionais dentro dos níveis arbitrários.

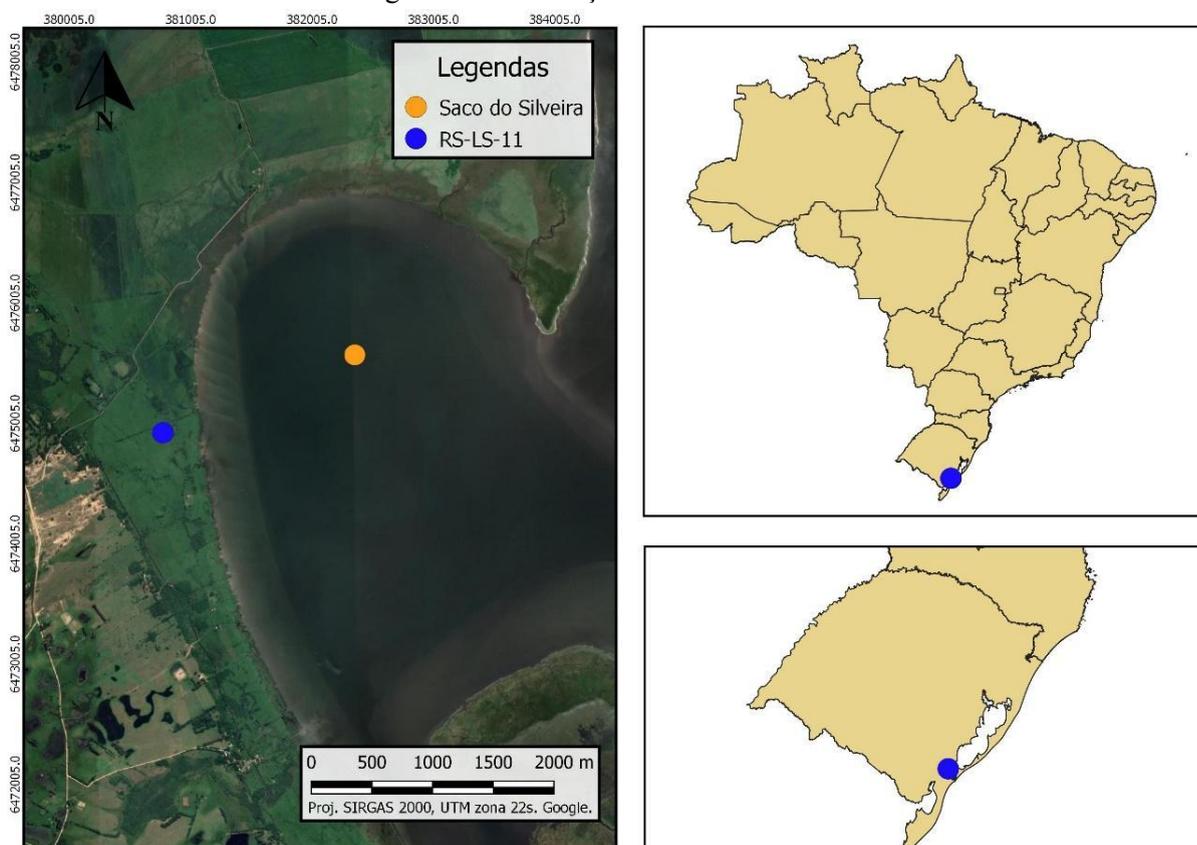
A documentação que será utilizada é essencialmente composta por fichas que contém o diário de campo e informações extras a respeito da escavação. A partir das fichas com os dados das escavações, será possível se aproximar do objetivo do trabalho: identificar, através de descrições das camadas artificiais, os níveis naturais e tentar remontá-los junto com os

materiais arqueológicos encontrados. Para tanto, será preciso organizar e tabelar os materiais arqueológicos da escavação, possibilitando assim uma melhor visualização dos dados. Com isso, será mais fácil de observar a distribuição dos vestígios em cada camada artificial.

1.1. Sítio

O sítio RS-LS-11 consiste em um cerrito de 60 cm de altura aproximadamente com 40 m de comprimento e 30 m de largura, totalizando 1.200m² e está localizado no distrito da Barra Falsa, Rio Grande (catalogado no CNSA como RS-LS-11²). Se encontra a aproximadamente 300 metros do Saco do Silveira (Laguna dos Patos), conforme figura 1. Os trabalhos de escavação duraram dois anos, de 1984 a 1986, passando pela supervisão dos arqueólogos Pedro Mentz Ribeiro e, posteriormente, por José Carlos Vieira.

Figura 1 - Localização do sítio RS-LS-11



Fonte: o autor.

Os vestígios arqueológicos coletados no sítio são, em sua maioria, compostos por restos de alimentação tais como: resquícios ósseos de peixes (otólitos, espinhaços e vértebras) e alguma presença de ossos de outros animais como aves e roedores. Também há incidência

² Ver link portal.iphan.gov.br/sgpa/?consulta=cnsa

cerâmica concomitante com os pacotes de restos fitofaunísticos. Esta, junto com os restos compõe o grande volume de material extraído do sítio. Há rara presença lítica.

O material estudado corresponde apenas a uma quadrícula do sítio (quadrícula D). Isto se deve ao fato de que os materiais das outras quadrículas simplesmente não se encontravam no acervo da Reserva Técnica – LEPAN. Além desta, foram feitas mais 5 sondagens (quadrículas) com 1,5m² em níveis artificiais de 10cm a não ser pelos primeiros 5 centímetros, estes já bastante superficiais e remexidos. Infelizmente, devido ao longo período em que o material permaneceu intocado e armazenado, muitos materiais vieram a se perder.

As escavações no sítio chegaram a 55cm de profundidade (quadrícula “B”), totalizando cinco camadas, no entanto, por se tratar de uma região periférica (em declive), a quadrícula “D” atinge camada estéril aos 35cm. Ao todo, foram escavadas seis quadrículas de 1,5m² e em níveis artificiais de 10cm. As datações encontradas para o sítio foram de 2056 ± 84 AP para a primeira camada artificial (0-15cm) e 2147 ± 65 AP para a quarta camada³ (35-45cm), datadas a partir de otólitos, ambas da quadrícula B (CHIM, 2016). Ter material disponível de apenas uma delas torna impossível mirar uma interpretação de todo o sítio, mas pode ajudar a distinguir unidades estratigráficas silenciadas em níveis artificiais.

2. BREVE HISTÓRICO DE PESQUISAS

Os montículos possuem uma antiguidade consideravelmente maior no nosso país vizinho, cerca de uns 5.000 AP segundo Lopéz Mazz, dos quais a partir de 3.000 surgem montículos já com presença cerâmica (BELLETTI, 2009). Alguns pesquisadores uruguaios da região do Prata como Figueira e Arechavalata afirmam, já no final do século XIX, um uso dos Cerritos que se relaciona estritamente com sepultamentos, sendo estes sua finalidade única e última, o que entra em discordância com outros trabalhos, como o de C. Ferrés, que sustenta uma finalidade de adaptação habitacional para os montículos (LOUREIRO, 2008). Uma retomada das pesquisas tanto uruguaias pode ser encontrada em Bernardes (2015). Já no Brasil, as primeiras aparições dos montículos se dão por volta de 2.500 AP, sendo que os primeiros 500 anos da fase é pré-cerâmica (SCHMITZ, 2011).

Na definição destes autores, cerritos são montículos antrópicos com formas elípticas que podem chegar a 100 metros de diâmetro e 7 metros de altura. Apesar de que em outra publicação, os mesmos autores variam com relação às dimensões dos ‘cômoros’ (SCHMITZ et al. 1967). Além disso, salientam os autores (SCHMITZ et al. 1967) que boa parte deles se encontra em conjuntos ocorrendo no mesmo local, mas que também podem ser evidenciados em casos isolados.

³ Datas publicadas em 2016 por Eliane Chim através do *Laboratório de Cronologia Nuclear* (LACRON) da *Universidade Federal Fluminense* (UFF).

Cerritos-são elevações localizadas na parte sul do Rio Grande do Sul, porção leste do Uruguai e Sudoeste da Argentina (BELETTI, 2009) e possuem, no Brasil, uma antiguidade que se estende de 2.500 anos AP até o século XVIII. Ao analisar o trabalho de Eliane Nunes Chim (2016), é perceptível a enorme variação a qual pode atingir esse tipo de sítio arqueológico. A autora cita trabalhos que estudam diferentes tipos de Cerritos em locais distintos e, logo, com uma presença material diferenciada. Assim, Chim chega à constatação de que utilizar o termo “Cerrito” se torna uma classificação vaga, visto que abarca uma série de montículos antrópicos variados entre si⁴.

Pestana (2013) traz uma análise sobre os sítios encontrados na várzea do arroio Candiota. Segundo o autor, a materialidade encontrada, a forma e o tamanho dos sítios corroboram uma multifuncionalidade que podem ir desde habitação, cerimoniais ou ritualísticos bem como sepultamentos. Ainda, há a noção de que esses tipos de sítios em montículos servem como adaptação ao meio em períodos alagadiços ou outros usos que significariam uma vantagem. Sejam essas vantagens referências nas paisagens, estações de paragem ou a praticidade de desinstalar os toldos para seguir viagem. Logo, concordando com Schmitz ao afirmar os Cerritos como resultantes das constantes ocupações (reocupações) ao longo do tempo (SCHMITZ, 2011). Apesar de frisar uma multifuncionalidade, Pestana não corrobora os dados a fim de sustentar sua posição, e, por conseguinte, afirma: “É a função dos cerritos e sua finalidade que permanece uma incógnita”. (PESTANA, 2013)

Formulações mais recentes sobre cerritos são trazidos por Milheira e Gianotti (2018). Após a década de 1980, esses monumentos começaram a ser interpretados sob um ponto de vista ecológico adaptativo, de uma forma que sua funcionalidade não seja singular. A construção desses montículos é datada de mais de 5000 AP, isto é, milhares de anos ocupando e administrando recursos em um determinado ambiente. Os caçadores coletores responsáveis pela elevação desses monumentos mantinham um ciclo de mobilidade durante o ano todo que justificava uma ocupação sazonal. Não se tratava apenas de uma adaptação à “planícies encharcadas”, caso contrário, a existência dos cômodos na serra ficaria sem uma explicação (MILHEIRA e GARCIA, 2018).

Fora somente após anos de evidenciação de “buracos de postes”, “pisos de casas” e “conjuntos cerâmicos” que se permitiu observar os sítios como uma ocupação contínua e com diversas funções. Além disso, a “complexificação”⁵ pela qual passaram os Cerritos é evidente. Processos como domesticação de animais – visíveis em alguns enterramentos – instauração de ritos funerários (a partir de 1600 AP), uso da cerâmica para estocagem de alimentos e preparo dele, construções das plazas como centros de convivência e habitações sugerem uma englobante multifuncionalidade (idem). Muito diferente da ideia de que Cerritos são

⁴ A nível de conteúdo arqueológico neles contidos.

⁵ Sob muitas aspás.

ocupações acidentais sazonais devido ao acúmulo de restos das ocas (tolderías) defendidos por diversos autores.

Milheira, Atorre e Borges (2019) estudaram cerritos em Pontal da Barra no estuário da Laguna dos Patos/RS que demonstraram a prominência de resquícios arqueofaunísticos. Segundo os autores, as evidências dos sítios apontam para uma ocupação focada principalmente em extração dos recursos lacustres.

3. DISCUSSÕES TEÓRICAS

A estratigrafia arqueológica se destaca e diferencia da geológica principalmente por buscar interpretações para o fator humano nos estratos, onde o registro se torna muito mais turbulento. Muito diferente de camadas geológicas que tendem a assumir formas mais retilíneas e uniformes (CARVER, 2009). Como afirma Villagrán: “os sedimentos arqueológicos são únicos porque representam a interface dos humanos com a sedimentação natural e a pedogênese” (Villagrán, 2008).

3.1. Estratigrafia artificial X estratigrafia natural

Lucena (1992, pg - 73) afirma: “O processo sedimentar é desencadeado por fatores oriundos de diferentes elementos atuantes no sistema geomorfológico, entre os quais a ação antrópica”. Ou seja, a ação humana não é a única responsável pela formação dos estratos, algo que se deve ter em mente no momento de escolher a metodologia de escavação.

Segundo Villagrán (2008), os estudos que comportam a formação dos sítios arqueológicos quanto à sua sedimentologia somente tomaram maior relevância após Schiffer (1987) – principalmente no tocante aos processos naturais de formação de sítio e aqueles que tiveram origem antrópica e na diferenciação de ambos. Isso dialoga com o fato de que muitos dos escavadores usavam escavação em níveis artificiais até as sistematizações feitas em Wheeler (Harris, 1991). Dessa forma, observa-se que foi a partir da metade do século XX que as estratificações naturais adquiriram uma posição central, com uma maior preocupação a respeito da sua presença nos depósitos e a inter-relação com o pacote arqueológico.

No entanto, escavações em camadas naturais podem apresentar algumas desvantagens. Uma ocupação que não tenha deixado restos ou marcas no solo seria muito difícil de notar sem níveis arbitrários pré-estabelecidos (Ford, 1962). Ford defende a documentação e o registro da alternância entre camadas e que o melhor método seria uma escavação em níveis “mais finos possíveis”.

No capítulo 11 de seu livro, Harris (1991) defende que, ao escavar em níveis arbitrários, existe o risco de associar os materiais de diferentes períodos na mesma camada. Isso pode ocorrer pois as camadas são pré-estabelecidas (como em 10 cm, a exemplo do caso

do RS-LS-11) e não seguem a estratificação dada em deposição natural conforme a formação desses estratos.

Segundo Harris, “achados originais” são aqueles que seu tempo de manufatura condiz com o depósito os quais foram encontrados. Já os “residuais” são aqueles que pertencem a níveis inferiores – indicando maior antiguidade – e por quaisquer motivos que sejam foram encontrados em níveis acima. E tem-se ainda os “infiltrados”, que correspondem aos objetos que são de períodos posteriores aos que foram achados.

O’Brien e Lyman abordam que tanto uma escavação em níveis estabelecidos quanto em níveis naturais ou observáveis configuram uma escavação estratigráfica. Consideram que níveis arbitrários também compreendem os níveis naturais mesmo que “representem apenas uma fração” desses (O’Brien & Lyman, 2002). No entanto, avançando um pouco em sua obra, os autores citam dois exemplos onde a observação da estratigrafia foi fundamental para a interpretação do sítio.

No primeiro deles, William Healey Dall escavou um sítio nas Ilhas Aleutas e

[...] escavou de tal maneira que foi capaz de registrar a proveniência estratigráfica de muitos artefatos recuperados. Também pôde caracterizar, tendo resquícios alimentares como base, três períodos temporais: um período caçador primeiro, um período de pesca intermediário, e um período litorâneo tardio (O’Brien & Lyman, 2002, página 153).

Já no segundo caso, Charles Peabody escavou um montículo em Edwards Mound, Mississippi, em 1903. Peabody percebeu que a estratigrafia estava indicando dois distintos períodos relativos à edificação e uso do montículo.

Isso dialoga com a abordagem de separação em “unidades estratigráficas” utilizada neste trabalho. Villagrán (2008) fala sobre o conceito de fácies arqueológicas

Em arqueologia, o termo fácies tem sido utilizado como sinônimo de termos como corte, camada, nível etc., para referir-se basicamente à mesma coisa: unidades identificadas em campo como representantes de um contexto similar de artefatos e definidas segundo qualquer propriedade física e qualquer escala que seja conveniente para a pesquisa (Stein 1987, 1990). (apud VILLAGRÁN, 2008, página 32)

Stein (2001) define depósitos como sendo “uma unidade que pode oferecer informações em um nível diferente de conglomerados de artefatos”. Assim, entender os estratos como pacotes que contém tanto processos culturais como naturais pode ser mais prático e elucidativo para o intuito dessa pesquisa. O uso do termo “unidades estratigráficas” neste trabalho, portanto, advém dessas concepções, caracterizando quaisquer separações que possam ser feitas ou definidas de forma que seja conveniente para o trabalho.

4. MÉTODOS

Para iniciar o processo do que é esta nova construção das unidades estratigráficas (referidas a partir daqui como UE), foi primeiro necessário que se organizasse todo o material, organizando seus dados. O material proveniente do sítio RS-LS-11 está disposto em caixas divididas em catálogos e pode ser encontrado na Reserva Técnica – LEPAN, no Instituto de Ciências Humanas e da Informação da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Todo o material dessas caixas foi tabelado em planilhas do Excel, no intuito de transformá-los em dados. Então, foram criadas diferentes categorias para separar o material. São as seguintes: catálogo⁶, nível, material, tipologia, conservação e peso.

O tabelamento desses dados permitiu sua organização, no entanto, ainda faltava algo que viabilizasse a sua interpretação. Tal artifício foi encontrado nas fichas dos diários de campo.

Existem 26 fichas de campo disponível para estudo com informações dessa escavação. Nessas fichas constam dados como data de preenchimento, nível, quadrícula, camada, relator responsável, número da folha e nome do sítio. Além disso, há um espaço de algumas linhas para demais descrições como artefatos encontrados ou outras informações pertinentes ao andamento da escavação.

Nessas fichas constam informações das atividades realizadas em campo e como prosseguiu a escavação bem como o método utilizado. Isso é de extrema importância para a interpretação dos estratos e para a próxima etapa da pesquisa. Nessa próxima etapa, com a leitura das fichas que contém os diários de campo, será feita uma representação dos níveis artificiais em diferentes imagens. Apenas após alcançar uma representação desses níveis⁷ é que se pode partir para uma possível divisão de unidades estratigráficas e uma leitura das camadas naturais, até então não relatadas no trabalho de escavação.

5. RESULTADOS OBTIDOS

A escavação começa no nível 0-15cm. Por ser o primeiro nível, foram escavados 5 centímetros a mais para remoção de grama e “material superficial” remexido pela ação do arado, um dos problemas de vários sítios arqueológicos (KENYON, 1968). Após as análises feitas com tabelamento de dados e leitura das fichas de campo, pôde-se destacar quatro unidades estratigráficas diferentes.

Para tanto, foram desenvolvidas representações imagéticas no aplicativo Excel com as distribuições do material arqueológico encontrado no intuito de distinguir as unidades estratigráficas. a partir do tabelamento do material (a seguir) e os relatos das fichas. O material arqueológico remanescente da escavação consiste em maior parte de restos faunísticos, que são pequenas partes de peixes como espinhos, vértebras e otólitos. Restos

⁶ Corresponde ao número da caixa que se encontra armazenado o material.

⁷ No sentido de uma representação das unidades estratigráficas minimamente verossímil.

malacológicos também são abundantes, bem como fragmentos cerâmicos, estes bastante fragmentados. Há ainda uma parcela muito pequena de incidência lítica.

Tabela 1

Tabela com informações do material proveniente da quadrícula "D" - nível 25-35cm

Catálogo	Nível	Material	Tipologia	Conservação	Peso
71	25-35cm	cerâmico	fragmentos cerâmicos	conservado	42g
71	25-35cm	rochoso	lítico	mal conservado	menos de 1g
71	25-35cm	restos alimentícios	fitofaunístico	conservado	105g
tot.			3		
pesagem			147g		

Tabela 2

Tabela com informações do material proveniente da quadrícula "D" - nível 15-25 cm

Catálogo	Nível	Material	Tipologia	Conservação	Peso
70	15-25cm	restos alimentícios (2)	fitofaunístico	rel. conservado	3.182g
70	15-25cm	malacológico	conchífero	rel. conservado	19g
70	15-25cm	cerâmico	fragmentos cerâmicos	conservado	1.130g
70	15-25cm	ósseo (3)			23g
			ossos calcinados	mal conservado	16g
			mandíbula	bem conservado	6g
			humano	mal conservado	menos de 1g
tot.			7		
Pesagem			4.354g		

A marcação em vermelho na tabela acima representa os diferentes tipos de ossos encontrados neste nível artificial.

Tabela 3*Tabela com informações do material proveniente da quadrícula "D" - nível 25-35cm*

Catálogo	Nível	Material	Tipologia	Conservação	Peso	
	71	25-35cm	cerâmico	fragmentos cerâmicos	conservado	42g
	71	25-35cm	rochoso	lítico	mal conservado	menos de 1g
	71	25-35cm	restos alimentícios	fitofaunístico	conservado	105g
tot.			3			
pesagem		147g				

Então, a partir das considerações feitas acima, tentarei demonstrar como avalio o que seriam os níveis naturais da quadrícula teste “D” do sítio RS-LS-11, representados na próxima página, na Figura 2⁸.

A primeira unidade estratigráfica é caracterizada como sendo apenas uma camada mais externa com presença de gramíneas e raízes e alguns materiais arqueológicos superficiais.

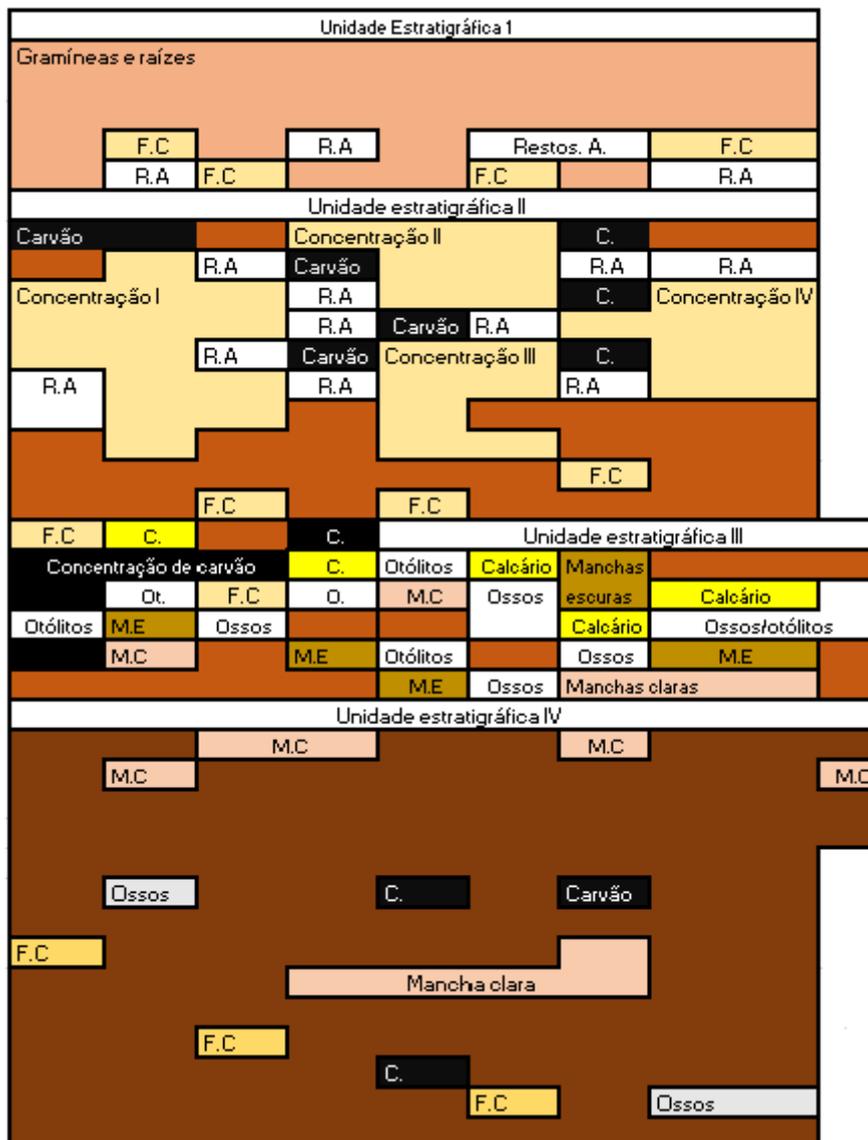
A segunda unidade é onde ocorre a maior incidência de material arqueológico, bastante perceptível na pesagem da tabela 2, com 4 concentrações cerâmicas diferentes. Além disso, bastantes restos de alimentação e manchas de carvão junto com ocorrências de ossos. Essa unidade é caracterizada por concentrar a maior porcentagem do material arqueológico presente na quadrícula: frequência cerâmica e ossos associados à (possíveis) marcas de fogueira.

A terceira unidade é marcada por uma diminuição do material e algumas manchas de calcário. Sem presença cerâmica.

A última unidade trata-se de uma camada completamente diferente, a terra é mais úmida e argilosa, com raríssima incidência material. Parece se tratar de uma camada substrato em que a terra teria sido utilizada para erguer o montículo, o que explicaria a raridade do material, sendo este provavelmente intrusivo.

⁸ Na figura elaborada no Excel não foi colocada escala visto que se trata de uma inferência a partir do relato e uma medida de escala não têm como estar precisa com as representações criadas.

Figura 2 - construção de unidades estratigráficas a partir dos dados tabelados e informações de fichas realizada pela ferramenta Excel.



Fonte: o autor.

6. DISCUSSÃO

É claro que algumas feições nos estratos – como a mancha branca relatada nas fichas – não podem ser observadas nas tabelas. Mesmo assim, o material (tabelado) é representativo do nível e condiz com as fichas, bem como os outros.

Contando com essa análise e a apresentação em figuras dos níveis artificiais do sítio RS-LS-11, é possível, minimamente, diferenciar alguns eventos de deposição das unidades estratigráficas. No início do primeiro nível (0-15 cm), os escavadores retiraram uma primeira camada composta quase inteiramente de gramíneas e raízes (5 cm iniciais) com baixíssima incidência de materiais arqueológicos. A partir desse momento, o estrato começa a se

diferenciar com a terra ficando mais fofa e um maior aparecimento de material, tanto cerâmico quanto fitofaunístico. Aqui inicia então uma nova unidade estratigráfica.

Como observado nas fichas, na figura e na tabela apresentada, a partir desse ponto aparecem concentrações cerâmicas (4 delas) associadas às marcas de carvão, conforme as folhas 09 e 14. Além disso, também se encontram neste segmento do estrato, restos de alimentação e ossos em grande quantidade. São nessas folhas (09 e 14) que é levantada a hipótese de uma possível fogueira, devido à intensa presença de marcas de carvão relacionadas aos fragmentos cerâmicos. Esse nível pode ser caracterizado como dominância de presença cerâmica, restos alimentícios e associação com manchas de carvão.

Isso se estende até pelo menos o começo do nível 15-25cm, onde há também uma concentração de fragmentos cerâmicos com manchas de carvão, apesar de ser apenas em um ponto da quadrícula (perto da estaca A). Após isso, a terra começa a ficar mais argilosa e tanto os restos alimentícios quanto os fragmentos cerâmicos começam a diminuir, além da presença de pequenos fragmentos de calcário (?), segundo consta no relato. Aqui há a incidência das manchas claras, que podem ser devido à fragmentação da presença óssea em conjunto com o solo se tornando mais argiloso.

Há a ocorrência de manchas escuras, mas estas não estão especificadas quanto à sua origem, o que dificulta sua interpretação nas unidades estratigráficas. Essa seria então a terceira unidade estratigráfica, ao se tratando em uma leitura dos níveis naturais. É nesse nível que é levantada a hipótese – pelos relatores de campo – de que os indígenas consumiam animais de maior porte no início da ocupação, o que explicaria a maior incidência de ossos. Portanto, essa maior incidência, e o aumento de seu tamanho podem servir como marcador da UE.

A partir desse ponto o solo fica cada vez mais argiloso enquanto a frequência de material (cerâmico e restos de alimentação) cai drasticamente. Aparecendo apenas alguns ossos espaçados na quadrícula com “insignificante” (termo retirado das fichas de campo) presença cerâmica. O solo está agora muito argiloso. Nas fichas se discute a possibilidade de a argila ter sido retirada a noroeste da quadrícula para elevar o montículo, e, portanto, era essa argila que estava sendo reencontrada nestes estratos. Após o nível 25-35cm, por ser uma região periférica do cerrito, é chegada à camada estéril. Esta seria a quarta unidade estratigráfica escavada. Também há a ocorrência de alguns fragmentos cerâmicos e ósseos, mas estes são referidos pelos relatores como provavelmente infiltrados do nível anterior.

Separando os níveis artificiais em (possíveis) unidades estratigráficas, chegamos à uma visão diferente do que é proposta pela escavação em níveis artificiais. É claro, essas divisões não devem ser consideradas como absolutas. Se mesmo o arqueólogo realizando um trabalho de campo é passível de erro na interpretação dos estratos, certamente a construção feita

também é cheia de falhas. Isso porque somente foram utilizados dados de 26 fichas de apenas uma quadrícula.

Milheira, Atorre e Borges. (2019) realizaram um trabalho estudando os cerritos da Laguna dos Patos. A respeito do conteúdo estratigráfico geral dos sítios, afirmam o seguinte:

[...] São poucas as evidências de lentes de carvões ou pequenos pacotes de restos faunísticos que denotem feições arqueológicas e não são perceptíveis sequências de camadas construtivas desde a base ao topo dos cerritos. A variação de coloração que ocorre entre os primeiros 20–25 cm de profundidade (gray 7YR 5\1), a partir do topo, é apenas decorrente do acúmulo de água, de forma que quando seco, o sedimento se comporta homogeneamente desde o topo até a base. Na base destes sítios ocorrem comumente feições arqueológicas interpretadas como fogueiras e estruturas de negativos de estacas e/ ou pequenos esteios, sendo essas as únicas feições claras que pudemos identificar nos sítios e que remontam a um momento inicial de ocupação das áreas. Abaixo do pacote estratigráfico arqueológico ocorre um horizonte areno-siltoso de textura sedosa, com coloração mais clara (pinkish gray 7YR 7\2) e sem vestígios materiais. (Milheira, Atorre e Borges, 2019, p. 40).

Schmitz (2011) também observa padrões muito similares no RS-RG-50, localizados na Barra Falsa, bem como o RS-LS-11. Caçadores coletores estacionais, cujos montículos refletiam bastante atividade pesqueira e exploração lacustre. Os restos de alimentação aumentam nos estratos mais profundos.

Apesar da limitação de dados e materiais remanescentes da escavação no sítio RS-LS-11, a partir de uma análise da quadrícula é possível perceber que existe uma semelhança de materialidade deste sítio e os outros cerritos estudados pelos autores supracitados. Caso os pesquisadores que escavaram o RS-LS-11 tivessem dado maior foco nas sequências estratigráficas e continuado a pesquisa, o sítio poderia corroborar os dados e contribuir para uma imagem de escopo regional de ocupação de cerritos, isto é, o RS-LS-11 poderia fornecer mais informações e ser incorporado nos estudos de montículos da região.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito deste trabalho foi revisitar a documentação disponível de um cerrito encontrado na região da Barra Falsa, na cidade de Rio Grande. A partir da análise da documentação e do material presente, a proposta foi utilizar essas informações para averiguar a possibilidade de uma leitura e construção das unidades estratigráficas contidas nos níveis artificiais estabelecidos em campo. Através do tabelamento dos materiais e descrição das fichas, foi possível perceber diferentes camadas que transpõem os níveis artificiais. Se as fichas e materiais de outras quadrículas estivessem disponíveis, o sítio como um todo poderia ser analisado.

Os métodos utilizados no trabalho surgiram como uma adaptação à documentação e materiais remanescentes acessíveis do objeto de estudo. Tal metodologia nasceu a partir dos

dados referentes ao sítio estudado como forma de organizar suas informações de maneira a facilitar o vislumbre das unidades estratigráficas. Com certeza pode ser mais bem trabalhada em análises futuras (do mesmo sítio, ou até em outros que foram escavados por níveis artificiais). Não é possível corroborar quaisquer inferências no escopo de ‘cerritos’ em geral, visto que apenas uma quadrícula foi trabalhada, por isso, a contribuição almejada neste trabalho focou apenas em níveis deposicionais e na possibilidade de extrair maiores informações destes. Conforme já ressaltado anteriormente, escavação em níveis pré-estabelecidos pode bastante útil e eficiente em trabalhos de campo, porém torna-se necessário observar os depósitos e sua composição, mesmo que demonstrem homogeneidade.

Como ressalta Barker, se os primeiros estágios de uma interpretação começam de maneira errônea, todos os estágios subsequentes serão cada vez mais afastados da verdade sobre o sítio. São registradas menos informações que as encontradas durante uma escavação, que já são menos das que “sobreviveram”, e que são menos ainda das que existiram uma vez no sítio (Barker, 1993).

REFERÊNCIAS

- BARKER, P. 1993 *Techniques of Archaeological Excavation*. 3ª ed. Londres: Routledge.
- BARRETO, C. 2000. A construção de passado pré-colonial: uma breve história da Arqueologia no Brasil. *Revista USP*, nº 44, p. 32-51.
- BELLETTI, J.S. 2009. *Uns caquinhos num montão de terra: o que fazer com eles?* Trabalho de conclusão de curso. Universidade Federal de Pelotas. Graduação. Curso de licenciamento em História.
- BERNARDES, F. 2015. *A questão da distribuição de montículos artificiais no município de Rio Grande*. Trabalho de conclusão de curso. Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande/RS.
- BROCHADO, J. P. 1968. *Arqueologia brasileira em 1968: um relatório preliminar sobre o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas*. Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi, n. 12, p. 3-33.
- CARVER, M. 2009. *Archaeological Investigation*. Abingdon: Routledge.
- CHIM, E. N. 2016. Análise de otólitos do cerrito RS-LS-11 e reconstrução do tamanho de corvina, micropogonias furnieri demarest 1823 (osteichthyes, scianidae). *Tessituras*, Pelotas, v. 4, n. 1, p. 188-207.

FORD, J. A. 1962. Método para establecer cronologías culturales. *Métodos técnicos, III*. Union Panamericana. Secretaria General, Organización de los Estados Americanos. Washington - DC.

FUNARI, P. A. 2013 Arqueologia no Brasil e no mundo: origens, problemáticas e tendências. *Cienc. Cult.* São Paulo, v. 65, n. 2, p. 23-25.

HARRIS, E. C. 1991. *Principios de estratigrafia arqueológica*. Editorial Crítica, S.A., Aragón, Barcelona.

KENYON, K. M: 1968. *Beginning in Archaeology*. New York: Frederick A. Praeger Publishers.

LOUREIRO, A. G. 2008. *Sítio PT-02-Sotéia: Análise dos processos formativos de um cerrito na região sudoeste da Laguna dos Patos/RS*. São Paulo. USP – Museu de Arqueologia e Etnologia. Programa de Pós-Graduação em Arqueologia.

LÓPEZ-MAZZ, J. M. 2001. Las estructuras tumulares (cerritos) del litoral atlântico uruguayo. *Latin American Antiquity*, p. 231-255.

LUCENA, V. 1992. Estratigrafia arqueológica: processo de constituição e interpretação. *Clio Arq.*, Recife, v. 01, nº 8, p. 69-88.

MARANCA, S. 2007. A arqueologia brasileira e o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA) dos anos 60. *Arqueologia*, Curitiba, v. 4, número especial, p. 115-123.

MILHEIRA R.G., GIANOTTI G. C. 2018. The Earthen Mounds (Cerritos) of Southern Brazil and Uruguay. In: Smith C. (eds) *Encyclopedia of Global Archaeology*. Springer, Cham.

MILHEIRA, R. G. ATORRE, T. BORGES, C. Construtores de cerritos na Laguna dos Patos, Pontal da Barra, sul do Brasil: lugar persistente, território e ambiente construído no Holoceno recente. *Latin American Antiquity* 30(1), 2019, pp. 35–54.

O'BRIEN, M. J; LYMAN, R. L. 2002. *Seriation, stratigraphy and Index fossils: the backbone of archaeological dating*. Missouri: Kluwer Academic Publishers.

PESTANA, M. B. 2013. A tradição Vieira e as estruturas monticulares na várzea do arroio Candiota, Campanha do Rio Grande do Sul, Brasil. *Tempos Acadêmicos*, Dossiê Arqueologia Pré-Histórica, nº 11, Criciúma, Santa Catarina.

SCHIFFER, M. B. 1987. *Formation processes of the Archaeological Record*. Library of Congress cataloguing – In: Publication Data Albuquerque. University of New Mexico Press.

SCHMITZ, P. 2011. *Sítios de pesca lacustre em Rio Grande, RS, Brasil*. Erechim: Clássicos da Arqueologia.

SCHMITZ, P. I. 2006. *Sítio Pedro Fridolino Schmitz, Bom Princípio, RS*. Anais do V encontro do Núcleo Regional Sul da Sociedade de Arqueologia Brasileira – SAB/Sul. Rio Grande/RS.

SCHMITZ, P. I. (coord.) 1967. Arqueologia no Rio Grande do Sul. Pesquisas, *Antropologia*, n. 16. São Leopoldo, Instituto Anchietano de Pesquisas.

STEIN, J. K. 2001. A review of site formation processes and their relevance to geoarchaeology. *Earth sciences and archaeology*. Kluwer Academic Plenum Publishers, New York.

VILLAGRÁN, X. S. 2008. *Análise de arqueofácies na camada preta do Sambaqui Jabuticabeira II*. 170 f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – PPGArq, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

WHEELER, M. 1954. *Arqueología de campo*. Madrid – Espanha: FCE España.

Submissão: 23/08/2021

Revisão: 16/03/2022

Aprovação: 16/03/2022

Publicação: 16/03/2022